

# O Modelo de Lasswell Aplicado à História das Teorias da Comunicação

## The Lasswell Model Applied to the History of Communication Theories

Iuri Yudi Furukita Baptista

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. RS. Brasil.

\*E-mail: iuri.baptista@acad.pucrs.br.

---

### Resumo

O modelo de Lasswell, criado em 1948 por Harold Lasswell, se tornou rapidamente o modelo canônico de representação dos processos comunicativos: quem, diz o quê, em que canal, para quem, com que efeito? Contudo, conforme mostra Rafiza Varão (2009), essas interrogações foram, originalmente, utilizadas para classificar os estudos de comunicação em cinco categorias, os estudos sobre os emissores, o conteúdo, os meios, o público e os efeitos. Assim, resgatando essa primeira utilidade do modelo, esse trabalho aplica essa classificação às principais correntes teóricas da comunicação em massa: a Escola de Chicago, os estudos empíricos estadunidenses, a Teoria da Informação, a Escola de Frankfurt, o Agenda-Setting, os Estudos Culturais, o Newsmaking e a Escola de Toronto.

**Palavras-chave:** Comunicação. Mídia. Teorias da Comunicação. Modelo Lasswell.

### Abstract

*The Lasswell model, created in 1948 by Harold Lasswell, quickly became the canonical model of the communicative processes representation: who, says what, in which channel, to whom, with what effect? However, as Rafiza Varão (2009) shows, these questions were originally used to classify communication studies into five categories, senders studies, content, media, receivers and effects. Thus rescuing the first utility of Lasswell model, this paper applies this rating to the main theoretical currents of mass communication: the Chicago School, US empirical studies, information theory, the Frankfurt School, Agenda-Setting, Studies cultural, the Newsmaking and the School of Toronto.*

**Keywords:** Communication. Media. Communication Theories. Lasswell Model.

---

### 1 Introdução

As teorias da comunicação em massa são várias, uma vez que cada manual faz um panorama diverso de escolas, conceitos e autores existentes nesse campo de estudos (ARAÚJO, 2007). Sobre essa impossibilidade de se tornar uma área científica bem definida, Mario Morcellini e Giovambattista Fatelli jogam com as palavras e afirmam que a comunicação é uma indisciplinada. James Davidson e Mark Lytle diriam ser algo inevitável, pois “a história não é ‘o que aconteceu no passado’; antes, é o ato de selecionar, analisar, e escrever sobre o passado” (VARÃO, 2009, p.12).

Porém, não bastassem os manuais e coletâneas já existentes, o presente trabalho propõe mais uma forma de encarar a história das teorias da comunicação: sob a ótica do modelo de Lasswell. Publicado em 1948, o modelo se aventurou a circunscrever o ato comunicativo em apenas cinco perguntas: Quem/ diz o quê/ em que canal/ para quem/ com que efeito? (LASSWELL, 1987). Para Mauro Wolf (2010, p.13), a fórmula se tornou rapidamente (e assim permaneceu por muito tempo) uma verdadeira teoria da comunicação por sintetizar o entendimento dessa área em sua época.

Harold Lasswell é comumente considerado um dos pioneiros nos estudos da comunicação em massa e, seu

modelo, “a peça mais citada pelos estudiosos do assunto, na área de influência norte-americana” (COHN, 1987, p.18). Seu modelo, portanto, serve como representante da compreensão de comunicação caracterizada, pela massa passiva de destinatários, que reage quando ‘atingida’ pelo estímulo (WOLF, 2010, p.13) e pela unidirecionalidade, pela pré-definição de papéis, pelo congelamento e simplificação do processo [comunicativo] (ARAÚJO, 2001).

Contudo, no artigo em que oficializa o modelo que receberá seu nome, Lasswell não se ocupa em afirmar sua compreensão de ato comunicativo. Sua intenção, como o título: A estrutura e a função da comunicação na sociedade (1987) deixa evidente, é versar sobre a estrutura e a função da comunicação em massa no funcionamento da sociedade. No artigo, essas duas características estão intimamente ligadas à comparação do sistema social com o sistema orgânico vivo, uma tendência corrente nas ciências sociais do início do século XX.

Colocando a proposição do modelo, em seu conjunto textual, percebe-se que Lasswell, embora de fato resuma a ação comunicativa nas cinco questões, tem intuito de descrever os encaminhamentos existentes na pesquisa comunicativa. O autor, após enumerar as perguntas “quem”, “diz o quê”, “em que canal”, “para quem”, “com que efeito”, também as

pareia com seus respectivos setores de pesquisas: “análise do controle”, “análise do conteúdo”, “análise das mídias”, “análise da audiência” e “análise dos efeitos”.

Para Rafiza Varão, as cinco questões e a compreensão da comunicação como um ato unidirecional e intencional do emissor já fazia parte do juízo difundido, devendo “ser entendida mais como ‘uma atitude mental’ que perpassaria os trabalhos científicos de diversos autores” (2009, p.12). Essa interpretação do artigo implicaria que Lasswell, ao testar o senso comum sobre os estudos das teorias da comunicação em massa, entrou para a história como um dos pioneiros do campo.

O que se propõe no presente trabalho é retomar essas interrogações em sua função original e observar, sob a ótica do modelo de Lasswell, um apanhado de pesquisas icônicas nas teorias da comunicação, ou seja, será que há sentido em afirmar que “o estudo científico do processo de comunicação tende a se concentrar em uma ou em outra dessas interrogações” (LASSWELL, 1987, p.105)? E, dentre os autores que tratam da comunicação, pode-se identificar a qual, ou quais, das perguntas de Lasswell eles buscam respostas?

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Metodologia

O método empregado para a verificação foi o de confrontar uma seleção de escolas definidas pelos manuais com as cinco perguntas do modelo de Lasswell. Foram escolhidas, devido ao maior consenso entre os manuais de quais são suas delimitações, autores e características, os seguintes conjuntos de abordagem no campo comunicativo: Escola de Chicago, estudo empíricos, teoria da informação, teoria crítica, estudos culturais, *newsmaking*, *agenda-setting* e Escola de Toronto.

O presente trabalho é motivado pelo experimentalismo, se isentando de rigorosos compromissos com as metodologias científicas e se saturando de caráter ensaístico. O desenvolvimento apropriado do estudo aqui iniciado requereria um aprofundamento inadequado aos limites da atividade proposta. Ainda que descompromissado, este se justifica nesse mesmo caráter ensaístico, na qualidade de sugestões de questionamentos e vieses para serem, futuramente, trabalhados pela história das teorias desse campo científico.

### 2.2 A Escola de Chicago

A Escola de Chicago teve suas publicações mais influentes nas primeiras quatro décadas do século XX e seus nomes proeminentes foram: Charles Cooley, Robert Park, John Dewey e George Mead. Devido sua composição cultural heterogênea, a cidade estadunidense foi pioneira nos estudos sociológicos norte-americanos, tendo como principal foco o organicismo da sociedade. É nesse contexto, que a comunicação surge como um dos enfoques tratados por esses quatro sociólogos e filósofos.

Charles Cooley, o fundador da escola, preocupa-se em

descrever as funções da comunicação na sociedade, tendo como resultado uma reflexão acerca das possibilidades oferecidas pelos novos meios de comunicação, na primeira década do século XX.

O efeito das comunicações no desenvolvimento da natureza humana é, em parte, imediato, pela facilitação dos contatos, mas ainda mais em sentido indireto, porque favorecem a expansão da inteligência, o declínio das formas de organização mecânicas e arbitrarias e a ascensão de formas de sociedade mais humanas. (RÜDIGER, 2011, p.39).

O juízo de que a comunicação possibilita a redução das disfunções do organismo social era comum aos teóricos da Escola de Chicago. Contudo, eles não possuíam consenso quanto à perspectiva e as estratégias necessárias para realizar esse potencial. Para Cooley, que se admitia utópico, os benefícios surgiriam, naturalmente, com o acesso às tecnologias. Dewey considerava que os meios físicos para uma sociedade melhor já existiam, mas a mentalidade e a aspiração ainda não eram comuns, pois não eram veiculadas.

Desiludido com a apropriação das tecnologias comunicativas existentes, Robert Park abandonou a carreira de jornalista e assessor de imprensa para se dedicar exclusivamente à vida acadêmica aos 50 anos (CZITROM, 1982). Com seu pessimismo em relação à realidade do jornalismo e dos meios culturais, tornou-se o mais influente integrante da Escola de Chicago. Para Park, a mídia deveria instruir e direcionar a opinião pública, mas comumente servia apenas como mecanismo de controle da atenção coletiva.

Dessa forma, considerando a Escola de Chicago um conjunto, esta enfocou três questões de Lasswell: como os emissores deveriam atuar para que as possibilidades, os efeitos, oferecidos pelos novos meios de comunicação se realizassem. Não era prioridade descrever os conteúdos, nem os integrantes estavam em consenso quanto à valoração da cultura popular veiculada nos meios massivos. Também não trataram das características dos receptores, tidos por Cooley, Park, Dewey e Mead como uma massa carente de conhecimento e passiva no processo comunicativo.

### 2.3 Os estudos empíricos

Ao final da década de 1930, o campo da comunicação já se particularizava da sociologia, ganhava dedicação exclusiva de pesquisadores e buscava legitimação, enquanto ciência humana aplicada. Por isso, o aspecto metodológico se destaca nos estudos estadunidenses da comunicação em massa e origina uma forte tendência para as abordagens empíricas, caracterizadas pelo aperfeiçoamento de técnicas de coleta de dados, como pesquisas amostrais e o *program analyser* de Paul Lazarsfeld.

Os agrupamentos, denominações e distinções entre as diversas pesquisas que surgiram nesse momento estão longe de serem consensuais entre os historiadores das teorias da comunicação. Nesse trabalho, se dará preferência ao manual de Carlos Araújo, que representa essa corrente em apenas dois

pesquisadores: Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld. Embora o primeiro seja caracterizado pelas pesquisas em propaganda política e o segundo em programação radiofônica, ambos possuem, em comum, a vontade de compreender os efeitos das mensagens nos receptores.

Fundamentado nas teorias behavioristas, Lasswell entendia “a ação humana como resposta a um estímulo externo” (ARAÚJO, 2001, p.125), assim analisou o comportamento do público, ao receber mensagens, através dos meios de comunicação em massa. Sua hipótese era a de que a propaganda, em analogia a uma agulha médica, “inocula” estímulos em receptores passivos e produz efeitos observáveis e mensuráveis (WOLF, 2010, p.13). Lasswell nomeou essa proposição de teoria hipodérmica.

Lazarsfeld, em conjunto com Bernard Berelson e Hazel Gaudet, pesquisou em 1944 o processo de escolha de eleitores em uma campanha presidencial. A conclusão a que chegaram

é a de que o fluxo de comunicação ocorre em duas etapas, uma vez que identificaram líderes de opinião agindo como mediadores entre as mensagens midiáticas e a massa eleitora. Essa teoria ficou conhecida como o modelo *Two-step Flow of Communication* ou, o fluxo da comunicação em dois níveis.

## 2.4 Teoria da informação

A teoria da informação foi primeiramente publicada por Claude Shannon, em 1948, com o título de *A teoria matemática da comunicação*<sup>1</sup>, sendo posteriormente complementada, em 1949, por Warren Weaver (MATTELART; MATTELART, 2005). Ambos engenheiros, eles trabalharam na instância puramente técnica da transmissão de informação sob o contexto das mensagens criptografadas da II Guerra Mundial. O ato comunicativo, segundo a representação gráfica de Francisco Rüdiger (2011, p.20), foi definido na seguinte forma.

**Figura 1:** Ato comunicativo



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Embora o modelo traga todos os elementos da comunicação, os objetivos da pesquisa de Shannon e Weaver eram mais específicos:

[...] a problemática da interação se reduz ao problema da transmissão de informação, tem a ver com o estabelecimento das condições necessárias para a otimização da transferência de mensagens do emissor para o receptor, diz respeito à capacidade de o canal conduzir as informações sem ruído para o destinatário, capacidade essa que é passível de definição técnica (RÜDIGER, 2011, p.19).

Então, diante dos elementos do modelo de Lasswell, os engenheiros estadunidenses se preocupavam em manter a integridade da mensagem, ao longo de sua passagem pelo meio técnico. O problema, então, era: que efeitos o canal tem sobre o conteúdo?

## 2.5 Escola de Frankfurt

A Escola de Frankfurt possui como núcleo duro as teorias de Walter Benjamin, Siegfried Kracauer, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Embora tenham negado a existência de uma ciência comunicativa, os frankfurtianos originaram um novo enfoque, no campo da comunicação,

ao destacarem a superficialidade das pesquisas empíricas e a necessidade de se observar a comunicação em massa diante do “processo histórico global da sociedade capitalista” (RÜDIGER, 2001, p.143).

Precusores da teoria crítica, Kracauer e Benjamin afirmavam que as formas de arte burguesa – teatro, pintura, escultura – possuem valor de culto, uma áurea, que advém de suas características presenciais, singulares e de acesso segregatório. Por isso, as tecnologias de reprodutibilidade técnica representariam uma revolução no acesso à arte e à cultura. As técnicas de reprodução destacam do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que multiplicam a reprodução, substituem a existência única da obra pela existência serial (RÜDIGER, 2001).

Animados pelas experiências soviéticas, na produção de cinema, rádio e artes gráficas logo após a revolução, atribuíam a pobreza estética dos produtos culturais, que circulavam no mercado ocidental, apenas à lógica de exploração dos meios produtivos pelo capital. E é nesse ponto que Adorno, Horkheimer e Marcuse se diferenciam de Kracauer e Benjamin. Embora também admitissem um potencial democratizante e progressista dos meios técnicos, eles eram extremamente

<sup>1</sup> Do original, *The Mathematical Theory of communication*.

céticos à realização desses potenciais.

As contribuições desses três teóricos, ao campo da comunicação, se sintetizam no conceito de indústria cultural, a ideia de que os produtos culturais foram convertidos em mercadorias. Para eles, os meios de comunicação são instrumentos meramente distributivos e são dominados por uma lógica de uso compromissada, exclusivamente, com os valores mercadológicos de gerar consumo e lucro. Nisso, uma apropriação popular dos meios seria improvável, pois a própria difusão da ideologia capitalista impossibilita a própria capacidade popular de ação.

As comunicações, por sua vez, não somente separam cada vez mais as pessoas, como contribuem para obscurecer a distância que se estabeleceu entre elas, mas também entre elas e as coisas. [...] Em suma, “[...] todos os meios de comunicação altamente desenvolvidos só servem para fortalecer as barreiras que separam entre si os seres humanos [...]”. (RÜDIGER, 2011, p.96).

Assim, diante das perguntas de Lasswell, a Escola de Frankfurt, enquanto conjunto, poderia ser reduzida à intenção de problematizar os efeitos gerados pelo caráter mercadológico dos emissores, por meio de uma análise crítica dos atributos das mensagens distribuídas. A possibilidade de reprodução técnica seria capaz de democratizar o acesso aos meios produtivos de cultura? Segundo as análises de conteúdo de Kracauer e Benjamin, sim. Segundo as análises de conteúdo de Adorno, Horkheimer e Marcuse, não.

## 2.6 Agenda-setting

A hipótese da *agenda-setting* parte da premissa de que o estudo do processo comunicativo “passou-se dos efeitos entendidos como mudanças a curto prazo para efeitos entendidos como consequências de longo período” (WOLF, 2010, p.138). Para Mauro Wolf, uma das teorias que marcam esse entendimento é *A espiral do silêncio*, de Elisabeth Noelle-Neumann, ao destacar três características da mídia: a acumulação, a consonância e a onipresença.

Contribuiu também o conceito de *gatekeeper*, elaborado por Kurt Lewin em 1947. Lewin percebe que apenas uma de cada dez propostas de matérias recebidas por um jornal é efetivamente publicada, fazendo dos jornalistas uma espécie de “porteiros” ou “guardiões” seletores dos conteúdos veiculados nos meios de comunicação de massa.

Formalizada por Max McCombs e Donald Shaw, em 1968, a teoria resultou de um estudo da opinião pública ao longo de uma corrida eleitoral. A pesquisa evidenciou a maior capacidade da mídia em propor assuntos a serem discutidos e sua menor capacidade em difundir valores sobre esses assuntos. “A asserção fundamental da *agenda-setting* é que a compreensão das pessoas em relação a grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação em massa” (WOLF, 2010, p.143).

Para verificar essa hipótese, diversos pesquisadores analisaram o público receptor, buscando descobrir quais foram os efeitos das escolhas de conteúdo feitas pelo emissor. De maneira resumida, a questão geral a ser respondida era: que formas e dimensões de efeito os emissores são capazes de gerar nos receptores.

## 2.7 Estudos culturais

Guiados por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, os estudos culturais tiveram como epicentro o Centro para Estudos Culturais Contemporâneos<sup>2</sup> da Universidade de Birmingham. Inaugurado por Hoggart, em 1964, o Centro tem por característica principal uma concepção ampla de cultura, dando enfoque à produção popular e desvinculando os produtos culturais dos preceitos clássicos e valores estéticos tradicionais. O que se evidencia é a existência, não apenas de submissão, mas também de resistência no âmbito popular.

Embora sejam estudos sociológicos, estes contribuem ao campo da comunicação em massa por reformular o conceito de produto cultural e, com isso, lançar uma nova visão à questão da recepção.

Passou-se, então, à realização de investigações que combinam análise de texto com pesquisa de audiência. São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Também são alvo de atenção a literatura popular, séries televisivas e filmes de grande bilheteria. Todos eles tratam de dar visibilidade à audiência, isto é, aos sujeitos engajados na produção de sentidos. (ESCOSTEGUY, 2001, p.165-166).

Os estudos culturais, portanto, redefinem o conceito de mensagem cultural, gerando como efeito uma revisão do conceito de receptor passivo. Ao incluir a produção popular de cultura e o processo de decodificação nos estudos da comunicação em massa, o receptor possui dois papéis ativos para os teóricos de Birmingham: a de fabricar bens culturais e a de ler, assimilar e se apropriar dos conteúdos que recebe.

## 2.8 Newsmaking

As pesquisas do *newsmaking* partem do mesmo fenômeno histórico estudado pela Escola de Frankfurt: a gênese de um processo produtivo no fornecimento de conteúdo para os meios de comunicação em massa. Assim, as perguntas do modelo de Lasswell são: “quem” e “diz o quê”. Contudo, se a teoria crítica problematiza os processos produtivos, a partir das características do conteúdo veiculado, o *newsmaking* problematiza o inverso: como a mensagem é definida pelas características dos emissores?

A abordagem etnográfica, diferentemente de outras abordagens centradas no *produto* da mídia, permite a observação, orientada teoricamente, das práticas sociais efetivas, que dão lugar à produção cultural. Todas as formas de análise das mensagens produzidas deparam com problemas complicados de inferência concernentes aos processos de

2 Do inglês, Centre for Contemporary Cultural Studies.

produção enquanto tais e, por conseguinte, contêm carências explicativas (SCHLESINGER *apud* WOLF, 2010, p.191).

Atrás dessas explicações, estudiosos dessa escola teórica se dividem em duas vertentes para descrever “a cultura profissional dos jornalistas” e “a organização do trabalho e dos processos de produção [jornalísticos]” (WOLF, 2010, p.194). Eles criam, então, conceitos como critérios de relevância, “noticiabilidade” e valor/notícia, cujas perguntas centrais são: Qual imagem do mundo passam os noticiários? Como estas imagens se correlacionam com as exigências cotidianas da produção de notícias nas organizações radiotelevisivas? (WOLF, 2010).

## 2.9 Escola de Toronto

Nas teorias dos canadenses Harold Innis e Marshall McLuhan, a máxima “o meio é a mensagem” significa que as tecnologias comunicativas são responsáveis pela configuração territorial (Innis) e cultural (McLuhan) da sociedade. Nesse aspecto, “entender os meios é entender seu poder de mudar as estruturas temporais e espaciais, o trabalho e as relações sociais, com que entra em contato” (RÜDIGER, 2011, p.120).

Innis era economista e estudou a formação e declínio dos Impérios sob a ótica dos meios de comunicação. Segundo ele, as civilizações orais eram temporais, religiosas, místicas. As civilizações escritas eram espaciais, científicas e especializadas. Aplicando seus estudos a sua realidade, Innis demonstrou um forte nacionalismo ao se alarmar com o domínio imperialista estadunidense. Para ele, a dependência tecnológica do Canadá resultava também em uma avalanche de produtos e valores midiáticos do país vizinho.

Já as hipóteses de McLuhan partem da concepção de que os meios de comunicação são extensões do corpo humano. Isso, porém, ao alterar a forma humana de se relacionar com o mundo, gera reformas culturais e antropológicas. A cultura letrada, sua Galáxia de Gutenberg, por exemplo, é caracterizada pela fragmentação, racionalidade, segmentação, linearidade. Já uma cultura oral, como a de tribos analfabetas, é sinestésica, totalizante, tradicional e ritualista.

Para a Escola de Toronto, os meios de comunicação precisam ser estudados, enquanto determinadores do padrão de conduta humana. McLuhan considera o conteúdo completamente irrelevante, uma almondega que o ladrão usa para distrair o cão de guarda. O emissor, seu processo produtivo e sua intencionalidade são igualmente ignorados, considerados objeto de outros campos de pesquisa. Assim, a questão essencial proposta pela Escola de Toronto seria algo como: “quais os efeitos dos meios na sociedade?”.

## 3 Conclusão

A primeira consideração a que se chega é a da quase onipresença da questão: “com que efeito?” Isso, dificilmente, é uma revelação sobre as teorias da comunicação em massa, mas um reforço de que o modelo de Lasswell é produto de

uma epistemologia específica a um contexto espaço-temporal. Lasswell e sua definição de ato comunicativo, como um impulso gerador de resposta, em um receptor inerte, torna necessária a etapa de observação do efeito direto, imediato, perceptível e mensurável.

Porém, mesmo com o afastamento da hipótese hipodérmica, as teorias da comunicação continuam procurando efeitos, por se tratar de uma característica inerente aos estudos científicos, isso se problematizar causas e efeitos não for a própria essência da atividade de um pesquisador. Os comunicólogos, contudo, não se restringem às relações entre conteúdo e receptor, formulando também cruzamentos entre emissor e canal, canal e conteúdo, receptor e canal, conteúdo e receptor.

Assim, se retira a última pergunta do modelo de Lasswell, parece possível catalogar as diversas escolas teóricas em torno dos quatro elementos restantes: o emissor, o canal, a mensagem e o receptor. O padrão que se identificou aqui é o envolvimento de duas dessas unidades: uma é descrita, catalogada e caracterizada para que sejam identificadas suas relações com as propriedades de outra unidade.

Em uma analogia, os estudos no campo da comunicação em massa trabalham tal qual uma equação de segundo grau, com a relação entre duas variáveis, ou seja, se atribui valores para “x” ao enumerar as características de um dos quatro elementos e se extrai o valor de “y”, um outro elemento do ato comunicativo. Nessa interpretação, as duas incógnitas da Escola de Chicago são os meios e os emissores. Seus teóricos descrevem as novas tecnologias e suas possibilidades para propor formas de utilizá-las funcionalmente na sociedade.

A pergunta dos estudos empíricos era: quais mensagens são mais eficientes, persuasivas e agradáveis ao público? Para chegar às respostas, catalogavam quantitativamente o receptor e sua resposta instantânea ao conteúdo.

A teoria matemática tinha como grupo de controle as mensagens transmitidas no processo comunicativo para avaliar sua integridade, após a passagem pelos meios técnicos, ou seja, ela estuda o canal para entender sua atuação sobre o conteúdo.

A Escola de Frankfurt, provavelmente, é a mais complexa de se resumir ao modelo de Lasswell. Ainda assim, de alguma forma, todos os autores descrevem características das mensagens veiculadas (tanto sua reprodutibilidade, quanto sua impregnação de lógica capitalista) para problematizar os emissores.

Para verificar a hipótese da *agenda-setting*, diversos pesquisadores analisaram o público, procurando descobrir quais são os efeitos das escolhas de conteúdo feitas pelo emissor.

Nos estudos culturais, a mensagem é revisitada para que se demonstre como os receptores participam, de forma ativa, na comunicação em massa, seja produzindo ou decodificando conteúdo.

Ao inverso da teoria crítica, o *newsmaking* pergunta como a mensagem é definida pelas características dos emissores. Assim, desvela o processo produtivo para problematizar o conteúdo veiculado.

Por fim, a Escola de Toronto analisa as características dos meios para perceber como elas se refletem na sociedade, independente do emissor e da mensagem.

O que deve ser lembrado, em última instância, é o caráter ensaístico dessa visão reducionista das teorias da comunicação. Devido à própria natureza seletiva dos estudos históricos, o presente estudo é uma simplificação que - embora seja capaz de trazer novas relações e características aos acontecimentos do passado - não pode ter sua parcialidade esquecida. Foram suprimidos diversos conceitos, perguntas e pesquisas realizadas por essas escolas que, definitivamente, ampliariam a gama de incógnitas problematizadas por cada corrente de estudos.

Alerta-se para a tendência dos historiadores buscarem acomodar, intencionalmente, seus objetos em cronologias homogêneas, contínuas e dotadas de sentido. Alerta-se: essa tendência de forçar encaixes está presente aqui. Uma questão básica não tratada nesse ensaio já colocaria em xeque todas as categorizações arbitrárias realizadas: afinal o que define “emissor”, “canal”, “mensagem” e “receptor”?

## Referências

ARAÚJO, C.A.Á. Correntes teóricas de estudo da comunicação. *Rev. Verso e Reverso*, v.26, n.46, 2007.

ARAÚJO, C.A.Á. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org.). *Teorias*

*da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.119-130.

COHN, G. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

CZITROM, D. *Media and the American Mind: from Morse to McLuhan*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1982.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

ESCOSTEGUY, A.C. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.151-170.

LASSWELL, H. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

LOPES, M.I.V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da comunicação. In: LOPES, M.I.V. (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p.277-293.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RÜDIGER, F. *As teorias da comunicação*. Porto Alegre: Penso, 2011.

RÜDIGER, F. A escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.131-147.

VARÃO, R. *A teoria hipodérmica reconsiderada*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. Curitiba. 2009. *Anais...* Curitiba, 2009.

WOLF, M. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.